

Fascismo ou a fraude da plenitude

Gabriel Sarmiento

Encuentro Clínico Lacaniano Asociación Psicoanalítica Río de la Plata

*No conteúdo da ideologia fascista,
não há muitas coisas que se possa amar.*
Th. Adorno

Atrevo-me a dar nome a um mal-estar. Para isso, resgatarei um significante do início do século XX para falar de um presente. Falo de fascismo e encontro nele três notas centrais: individualismo sustentado pelo ideal da complementaridade dos sexos, autonomia como não dependência do Outro e liberdade em sua versão libertária.

O indivíduo se apresenta como uma esfericidade compacta, maciça, substancial. Um eu autônomo, completo e transparente. Uma máquina bifronte (cérebro-corpo) alimentada por dopamina, cortisol, serotonina e ocitocina. Aqui poderíamos retomar o conceito de “uniano” (*unien*), anagrama de “ennui”, tédio. Uniano como esse invólucro englobante, unidade especular que delimita um interior e um exterior. Indivíduo como a melodia monocórdia, sem modulações. Para Guy Le Gaufey, “O uno unário mereceria também ser chamado de uno *furtivo*, já que não perdura”¹.

A matriz fascista admite apenas duas morfologias: côncava e convexa, homem e mulher. Versões que, por sua vez, se complementariam numa unidade sem fissuras, sem arestas. E, se continuarmos com a metáfora da geometria espacial, os indivíduos são esferas que se deslocam (ou deveriam se deslocar) sobre um plano polido, sem obstruções, sem constrições, totalmente livres. Assim, tanto a “liberdade de escolha” quanto a “propriedade de si mesmo” serão os eixos sobre os quais girará sua ação ética.

Esse substancialismo tem uma longa história. Jacques Derrida o lembrava ao dizer que “poder-se-ia mostrar que todos os nomes do fundamento, do princípio, ou centro, sempre designaram o invariante de uma presença (*eidós, arque, telos*,

¹ Le Gaufey, G. (2001) *El lazo especular Un estudio transversal de la unidad imaginaria*, México: Epee, pág. 292

energia, ousia (essência, existência, substância, sujeito) *aletheia*, transcendentalidade, consciência, Deus, homem, etc.)². Este breve catálogo recolhe alguns dos nomes da presença, do ser, de uma plenitude.

Em suas reflexões sobre o fascismo, Ernst Bloch falava da “fraude da plenitude”. O fascismo vende a promessa da satisfação, pinta a adequação exata entre a palavra e a coisa, entre a pulsão e o objeto. O fascismo contemporâneo traz um eco de seu predecessor, um ar de família. “Fraude da plenitude” que se presentifica no fantasma articulado por uma operação do supereu. Poderíamos nos perguntar: qual é o avesso antifascista da plenitude?

Talvez, a psicanálise tenha algo a dizer, já que, para começar, não se trata de indivíduo. Em “O aturdido”, Lacan diz que “aquilo a que concerne o discurso analítico é o sujeito, o qual, como efeito de significação, é resposta do real”³. Sujeito barrado, acrescentamos, intermitente, atravessado pela falta, incompleto, habitado por um vazio êxtimo, perfurado. Em contraste com a superfície polida e impermeável do indivíduo, podemos opor-lhe a imagem da cadeia calada dos significantes. Se esta única enunciação supõe o escândalo do saber referencial, predicativo, acumulativo da ciência contemporânea, não surpreenderá o alvoroço que significou para Lacan quando, no seminário interrompido de 1963, se perguntou (diante de sua audiência psicanalítica) o que faz o buraco.

O que faz o buraco? *Os nomes do pai*. É a voz dos nomes do pai que induz o vazio, nomeia o vazio. Produto desse paradoxo que supõe nomear o impronunciável é que só podemos vislumbrar versões do nome do pai. As versões do pai são as transformações do fantasma em uma análise.

Os nomes do pai fazem o buraco onde o indivíduo contemporâneo veste uma plenitude contingente. Em termos de René Lew, os nomes do pai são impredicativos, se entendermos impredicativo como “o que não preenche o vazio significante que o compactifica”⁴. Ou, para dizer de outra maneira, “a compactificação é o fato aporético do esvaziamento (da abertura inerente à

² Derrida, J. (2005) “A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas” em *A escritura e a diferença*, São Paulo: Perspectiva, pág. 231.

³ Lacan, J. (2003) “O aturdido” em *Outros escritos*, Rio de Janeiro: Zahar, pág. 458

⁴ Lew, R. (2023) “Anexos. Definiciones de la impredicatividad y la recursividad” en *Lógica del cuerpo y de la motilidad*, Buenos Aires: ECLAP Editorial, pág. 156

significação como causa): é o Pai (como ausência presentificada) quem compactifica os registros do mundo.”⁵

Mas voltemos ao fascismo. Que concepção de corpo deriva de sua ideia de indivíduo? É um corpo como máquina de hormônios e neurotransmissores. No máximo, se há mal-estar, é por uma intoxicação de cortisol. Concebe-se o corpo a partir de um esquecimento ou, melhor, de um não-saber, pois apela a um “ser que nele se apóia [no corpo e] não sabe que é a linguagem que lho confere”⁶. Não há ecos do dizer no corpo, há ecos químicos sobre a matéria.

Os nomes da presença instalam corpos descartáveis, dispensáveis, valores de uso, administráveis. Os nomes do pai se sustentam em uma lógica impredicativa e imprevisível, não manipulável. Aparecem como *tyche*, evanescentes que cortam a cadeia de associações, suspensões dos sentidos fantasmáticos, cristalizados. Mas não é só isso, eles turbilham, cuspem e engolem. Essa *tyche* não é fabricável por um ato de volição. Por isso, dirá Lacan em seu seminário interrompido “Os nomes do pai”: “o nome, como lhes mostrei, é uma marca já aberta à leitura- eis por que ela será lida da mesma forma em todas as línguas- impressa sobre alguma coisa que pode ser um sujeito que vai falar, mas que não falará de modo algum obrigatoriamente”⁷.

Além disso, os nomes marcam, deixam vestígios. “Quando Abraão fica sabendo pelo anjo que ele não está ali para imolar Isaac, Rachi [um comentarista judeu do século XI] faz-lhe dizer: “E então? Quer dizer que eu vim para nada? Vou, mesmo assim, lhe fazer ao menos um leve ferimento, para sair um pouco de sangue. Isso te dará prazer, Eloim?”⁸ O nome marca, nenhum sujeito sai ileso dos nomes.

Se os nomes da presença atam, segregam, deportam, hierarquizam, estigmatizam; os nomes do pai se assemelham a válvulas de escape, fugazes, aberturas, fendas, bordas. Litorais onde o sujeito, eventualmente, inventará algo

⁵ Lew, R. (2012) *Positions: (31) Compactifier*. “la compactification est le fait aporique de l'évidement (de la béance inhérente à la signifiante comme cause): c'est le Père (comme absence présentifiée) qui compactifie les registres du monde”.

⁶ Lacan, J. (2003) “Radiofonía” em *Outros escritos*, Rio de Janeiro: Zahar, pág. 406

⁷ Lacan, J. (2005) “Introdução aos Nomes-do-Pai” em *Nomes-do-Pai*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., pág. 74

⁸ Op cit. Pág. 82-83

para se agarrar. Assim, nos perguntamos: Que fascismo pode se sustentar sobre areias movediças? Que ilusão de plenitude resiste ao movimento do buraco? Não se trata de contrapor uma discursividade predicativa fascista a uma discursividade impredicativa analítica, como mera negatividade, oposição ou antítese. Talvez a psicanálise não seja o antídoto para o fascismo, mas certamente, se atreve, ao menos, a espiar o buraco.